

Prólogo

Província de El Petén, Guatemala 1 de novembro de 2012

Keller julga ouvir um bebê a chorar.

O som mal se distingue devido ao ruído surdo das hélices do helicóptero que se aproxima, a baixa altitude, da aldeia na selva.

O choro, se é isso que está a ouvir, é agudo e estridente, um vagido de fome, de medo ou de dor.

Talvez de solidão — esta é a hora mais solitária da noite, a do negrume que antecede a aurora, quando os piores sonhos chegam, a alvorada parece ainda longe e as criaturas que habitam o mundo real e os recantos mais sombrios do inconsciente vagueiam com a impunidade de predadores que sabem que a sua presa está sozinha e indefesa.

O choro dura apenas alguns instantes. Talvez a mãe tenha entrado, tenha pegado na criança e a tenha embalado nos seus braços. Talvez seja só a imaginação de Keller. Mas fá-lo lembrar-se que há civis lá em baixo (mulheres e crianças na sua maioria, alguns velhos) que em breve estarão em perigo.

No helicóptero, os homens verificam os carregadores das suas espingardas M-4 para se assegurarem de que os cartuchos se encontram solidamente introduzidos e que o outro está firmemente preso à coronha com fita adesiva. Têm as caras enfarruscadas sob os capacetes de combate, os óculos de proteção noturna e os auriculares. Abaixo dos coletes à prova de balas com placas cerâmicas, usam calças camufladas de grandes bolsos onde guardam tubos de gel energético, fotografias-satélite da aldeia, plastificadas, ligaduras de compressão para o caso de as coisas correrem mal e de terem de estancar a hemorragia.

Uma missão homicida em solo estrangeiro — as coisas podem correr mal.

Os homens estão noutra mundo, como que em transe, nesse estado de concentração absoluta em que entram os combatentes natos antes de uma missão. Os vinte homens da equipa, distribuídos por dois Black Hawks MH-60, são na sua maioria antigos SEAL, Forças Deltas, Boinas Verdes — a elite. Já fizeram isto antes, no Iraque, no Afeganistão, no Paquistão, na Somália.

Tecnicamente, estão todos ao serviço de empresas privadas. Mas a companhia fachada, uma empresa de segurança sediada na Virgínia, é uma fina tela que os média rasgarão sem esforço se isto der para o torto.

Dentro de poucos momentos, os homens descerão por cordas velozes até à aldeia situada perto do seu objetivo. Mesmo com o fator surpresa, haverá tiroteio. Os *sicarios*¹ dos narcotraficantes protegem o seu chefe e darão a vida por ele. Estão bem armados com AK-47, lança-foguetes e granadas, e sabem utilizá-los. Estes *sicarios* não são simples rufias, são, também eles, veteranos das forças especiais — treinados em Fort Benning e noutros lugares. É possível que alguns dos homens no helicóptero tenham dado formação a alguns dos homens no solo.

Morrerão pessoas.

Faz sentido, pensa Keller.

É o Dia dos Mortos.

Os homens ouvem agora outro ruído — tiros de pequenas armas de fogo. Ao olhar para baixo, veem o clarão dos disparos que rompe a escuridão. Na aldeia, começou um tiroteio prematuro — ouvem-se ordens gritadas e pequenas explosões.

É mau — isto não devia estar a acontecer. A missão está em risco, o fator surpresa perdeu-se e, com ele, provavelmente a hipótese de terminar a missão sem haver baixas.

Na noite, surge então um rasto de luz vermelha.

Um grande estrondo, um clarão amarelo e o helicóptero inclina-se bruscamente de lado, como um brinquedo atingido por um taco.

Chovem estilhaços, fios elétricos descarnados chispam, o barco está a arder.

Chamas rubras e um espesso fumo preto enchem a cabine.

Fedor a metal chamuscado e a carne queimada.

A carótida de um homem esguicha ao ritmo do seu coração acelerado. Um outro tomba, estilhaços irrompem-lhe obscenamente do entre-

pernas, mesmo abaixo do colete à prova de balas, e o médico da equipa rasteja até ele para o ajudar.

Chegam agora vozes de adultos — gritos de dor, de medo e de raiva à medida que as balas traçadoras sobem e os cartuchos atingem a fuselagem como um temporal repentino.

O helicóptero gira, enlouquecido, ao precipitar-se sobre o solo.



PRIMEIRA PARTE

Despertar do Sono

Já é hora de despertarmos do sono.

Romanos, 13, 11



1

Os Apicultores

Acreditamos que podemos produzir mel sem partilhar o destino das abelhas.

Muriel Barbery
A Elegância do Ouriço

Abiquiú, Novo México 2004

O sino toca uma hora antes do amanhecer.

O apicultor, libertando-se de um pesadelo, levanta-se.

A sua pequena cela tem uma cama, uma cadeira e uma secretária. Na grossa parede de adobe, uma única janela pequena dá para o caminho de gravilha, prateado ao luar, que sobe até à capela.

No deserto, as manhãs são frias. O apicultor enfia uma camisa de lã castanha, calças caqui, meias de lã e sapatos de trabalho. Percorre o corredor até à casa de banho comunitária, escova os dentes, faz a barba com água fria e junta-se depois à fila de monges que se encaminha para a capela.

Ninguém fala.

À exceção dos cânticos, das orações, das reuniões e das conversas indispensáveis ao trabalho, no Mosteiro de Cristo no Deserto, o silêncio é a norma.

Vivem de acordo com o Salmo 46, 10: “Aquietai-vos e sabeis que Eu sou Deus.”

O apicultor gosta que assim seja. Já ouviu palavras suficientes.

Mentiras, na sua maioria.

No seu mundo anterior, todas as pessoas, ele incluído, mentiam como se nada fosse. Quanto mais não fosse, uma pessoa tinha de mentir a si própria só para poder continuar a pôr um pé à frente do outro. Mentia-se para sobreviver.

Agora, procura a verdade no silêncio.

Aí procura igualmente Deus, embora tenha passado a acreditar que a verdade e Deus são a mesma coisa.

Verdade, quietude e Deus.

Quando chegou, os monges não lhe perguntaram quem era ou de onde vinha. Viram um homem de olhos tristes, de cabelo ainda negro mas com fios grisalhos, com ombros de pugilista algo curvados mas fortes ainda. Ele disse estar à procura de sossego e o Irmão Gregory, o abade, respondeu que a quietude era a única coisa que tinham em abundância.

O homem pagou em dinheiro o seu pequeno quarto e, a princípio, passava os dias a vaguear pelo deserto, por entre os *ocotillos* e a salva, descia até ao rio Chama ou subia a encosta da montanha. Acabou por entrar na capela e ajoelhou-se ao fundo, enquanto os monges entoavam as suas orações.

Um dia, a sua rota levou-o até ao apiário — perto do rio, porque as abelhas precisam de água — e ficou a ver o Irmão David a trabalhar nas colmeias. Quando o Irmão David precisou de ajuda para levantar alguns quadros, algo natural em alguém com quase oitenta anos, o homem deitou mãos à obra. A partir daí, passou a trabalhar no apiário todos os dias, dando uma ajuda e aprendendo o ofício e quando, meses mais tarde, o Irmão David declarou que estava na altura de se reformar, sugeriu a Gregory que desse aquele trabalho ao recém-chegado.

“A um leigo?”, perguntou Gregory.

“Tem jeito para as abelhas”, respondeu David.

O recém-chegado fazia bem e em silêncio o seu trabalho. Obedecia às regras, vinha à oração e era o melhor apicultor que alguma vez haviam tido. Sob os seus cuidados, as abelhas produziam um excelente mel de primeira qualidade, usado pelo mosteiro na sua própria marca de cerveja, vendido em frascos de duzentos e vinte e cinco gramas aos turistas ou comercializado pela Internet.

O apicultor não queria ter nada a ver com o lado comercial. Nem queria servir à mesa os hóspedes que vinham para um retiro, nem trabalhar na cozinha ou na loja de lembranças. Queria apenas cuidar das suas abelhas.